

Os adultos possuem relógios, as crianças possuem tempo

Sariane da Silva Pecoits

RITSCHER, Penny. *Slow school: pedagogia del quotidiano*. Firenze: Giunti Scuola, 2011. 192 p.

Slow school tem seu título inspirado no movimento *Slow Food*, que propõe tornar mais consciente a produção e o consumo dos alimentos. Com essa analogia e por meio de um texto prático-teórico, Penny Ritscher apresenta situações e reflexões sobre suas vivências em escolas infantis italianas. O livro é dividido em duas partes: uma expõe a concepção de escola e os temas do contexto social em que está inserida e a outra versa sobre o potencial educativo da vida cotidiana, pouco valorizada nos currículos.

O texto inicial, de Gianfranco Staccioli, traz cinco questões para pensar a constituição do que o autor chama de “uma escola contra o vento”:

- 1) o sentido que deve ter uma escola infantil que reconhece os direitos de aprendizagem em detrimento da instrução das crianças;
- 2) um currículo que deve nascer da relação entre as finalidades educativas, as dimensões do desenvolvimento e os conhecimentos do sistema simbólico-cultural;
- 3) a compreensão do conhecimento como algo desenvolvido quando crianças e adultos criam itinerários de descobertas ao longo do caminho e não quando são dados por programas escolares;
- 4) a ideia de que a complexidade do conhecimento se desvenda apenas por meio da simplicidade complexa de uma vida cotidiana potente; e
- 5) o aprendizado lento e cotidiano como algo que não diminui o compromisso com o conhecimento.

O primeiro capítulo discute os brinquedos industrializados e como eles colonizam o imaginário das crianças. Explica que, pelas regras da escola, não é permitido ficar por muito tempo com os brinquedos trazidos de casa e, entre as justificativas, está o fato de que, ao permanecer com seu brinquedo trazido de casa, a criança não se relaciona com as demais em pé de igualdade. A autora destaca, porém, que é preciso dar tempo para que ela apresente seu brinquedo e possa conversar sobre ele e alerta sobre a necessidade de discutir a temática com as famílias, para que não se reforce a ideia de que “possuir brinquedos satisfaz a necessidade de brincar”.

No segundo capítulo, o foco está na relação das crianças com seus pais e o impacto dessa relação na escola. Abordando questões delicadas e complexas, como o quanto os pais deixam de se relacionar verdadeiramente com os filhos devido às demandas de trabalho e, assim, preenchem também a vida das crianças com compromissos extraescolares (futebol, patinação etc.), a autora nos convoca a pensar sobre as ações institucionais possíveis para dar às famílias tempo verdadeiro com os filhos. Entre as estratégias propostas, estão desde a colocação de um banco na entrada da escola, a fim de que os pais tenham um tempo com os filhos na chegada ou na saída, até a produção de documentação fotográfica que enfatize o valor da vida cotidiana na escola e, desse modo, ajude os pais a apreciarem também as “não atividades” que compõem a jornada escolar para, assim, apreciá-las fora da instituição.

“Lento è bello”, o terceiro capítulo, conduz-nos a refletir sobre o que é produtividade, como estamos habituados a pensar e agir de modo apressado e como isso é contraproducente na escola infantil, uma vez que a calma e o tempo “longo e vazio” permitem que as crianças elaborem suas ideias e conceitos. Nesse texto, destaca-se a necessidade de revermos os tempos institucionais e acompanharmos o tempo das crianças. A autora afirma que a ânsia na aquisição de alguns conhecimentos em detrimento de outros, como é o caso da alfabetização, coloca em risco o “sabor das aprendizagens”, em nome de um desempenho anterior à maturidade das crianças.

O capítulo quatro aborda o não quantificável dos olhares, das partilhas, das relações de confiança, do senso de pertencimento, de experiências compartilhadas na escola infantil. Mostra que esses “aspectos invisíveis” merecem uma dignidade teórica, nem sempre reconhecida. O texto aponta para a questão do que quer dizer “significativo” na escola, questionando se aquilo que é significativo para os professores também é para as famílias e as crianças.

No quinto capítulo, são apresentadas seis especificidades da escola infantil em contraponto ao ato de “dar aulas” nas demais etapas escolares: a possibilidade de uma educação lateral, aquela que está posta ao lado das crianças; a busca infantil pela compreensão do mundo e a tentativa dos professores de compreender o pensamento por trás das ações das crianças; o reconhecimento de uma “zona cinza” entre o “branco e preto” dos programas; o ato educativo que se estrutura no apoio às iniciativas dos pequenos; as regras verdadeiramente compartilhadas entre adultos e crianças; o papel da curiosidade nos eventos cotidianos; e a necessidade de agilidade

mental por parte dos professores para proporcionar aprendizagens significativas nessas situações.

O sexto capítulo relata processos de pensamentos das crianças – em suas pesquisas e brincadeiras –, e explicita a indivisibilidade entre os campos de experiência. O texto traz um alerta para que não se confundam as aprendizagens das crianças com os ensinamentos dos adultos, pois muitas aprendizagens ocorrem de modo assistemático e sem a mediação direta dos adultos, destacando que elas “brotam” especialmente quando há motivação autêntica, condições favoráveis e contextos bem preparados.

O último capítulo da primeira parte aborda a temática da continuidade educativa entre a creche e a pré-escola, convidando a pensar, com base nas (des) continuidades, a organização dos espaços e dos tempos, o currículo implícito, as relações e interações, as situações informais e as conversas entre as crianças. Conforme a autora, ao planejarmos esses aspectos, nos ocupamos da riqueza que a vida diária oferece, pois, do ponto de vista das crianças, o cotidiano é um laboratório contínuo de aprendizagens e tal processo não está “abandonado à casualidade”, exigindo planejamento.

A segunda parte do livro discorre sobre seis aspectos que guardam grande potencial educativo: as relações entre as pessoas, a história pessoal de cada um, a vida cotidiana, as áreas externas, o jogo livre e os tempos.

No texto “As relações”, Ritscher disserta sobre a relevância das relações interpessoais. Ao falar sobre os intercâmbios entre adultos e crianças, frisa que estes ocorrem especialmente em situações informais, durante o almoço ou num auxílio ao banheiro. Aponta para a importância de oferecer “ajuda exigente”, confiando no potencial de cada criança e estando pronto para apoiá-la. Finaliza afirmando que, para as crianças se relacionarem de modo inteligente e construtivo, é necessário um contexto favorável, pois as relações não sobrevivem ao vazio de possibilidades.

“Histórias pessoais” apresenta a importância de personalizar a ação educativa. Para isso, é preciso conhecer o que as crianças têm a contar sobre suas vidas fora da escola e a autora sugere três formas de fazê-lo: mediante os jogos de faz de conta; dizendo à outra criança ou aos adultos da escola diretamente aquilo que se está pensando; e por meio de uma estratégia denominada “entrevista”, em que a professora se senta com um caderno em um lugar da sala ou pátio e aguarda que alguma criança venha contar um episódio de sua vida.

No texto “A vida cotidiana”, a autora discorre sobre os “conhecimentos ocultos” presentes em uma rotina bem organizada e o quão estruturante essa rotina é para a elaboração de conceitos pelas crianças. Ao relatar 24 ações presentes no ato de lavar as mãos, evidencia “os valores cognitivos escondidos” em atos aparentemente simples.

“O jardim” traz argumentos que demonstram a potencialidade educativa das áreas externas e dos elementos que compõem esses ambientes. Ressalta os recursos do pátio – espaços mais amplos, contato com a natureza e com o contexto social no entorno da escola e pouca “colonização” dos adultos – como oportunidades particulares para aprendizagens distintas do espaço interno. Destaca quatro

necessidades que as crianças demonstram e mediante as quais se pode planejar uma área externa que, de fato, contribua para as aprendizagens possíveis nesse local. São elas: mover-se livremente (porém não no vazio), entocar-se em espaços mais recolhidos, ocupar-se com materiais manipuláveis e relacionar-se com o mundo social que circunda a escola.

O texto “Aprender a brincar” constata o paradoxo de muitas crianças precisarem ir à escola para aprender a brincar. Atenta também para outro paradoxo, ao afirmar que “é possível aprender a brincar, mas brincar não pode ser ensinado”. Sendo assim, o modo de oportunizar a aprendizagem do brincar na escola se dá pela criação de condições favoráveis por professores para brincadeiras desenvolvidas pelas crianças.

Em “O tempo educativo”, somos convidados à reflexão sobre ter e oferecer tempo às ações simples no dia a dia, como lavar as mãos sem pressa e poder fazer experimentos com espuma. A autora afirma que a gestão do tempo depende das prioridades dos adultos e que os limites estruturais (banheiros longe das salas, por exemplo) são apenas parte do problema, ressaltando que por trás de cada prática educativa existe uma escolha: dar mais ou menos tempo para lavar as mãos; ir ao banheiro com toda a turma ou em pequenos grupos. Urge repensar nossas escolhas relativas ao tempo quando, para uma criança com menos de 6 anos, lavar as mãos sem pressa se torna um luxo.

Os textos reunidos no livro *Slow school* demonstram o valor das aprendizagens da vida cotidiana na escola infantil. Destacam que a relação entre tempo lento e aprender são complementares, e não contraditórias. Concluem que a escola pode ser um lugar para viver a simplicidade e o essencial no agora.

176

Sariane da Silva Pecoits, doutoranda em Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) na linha de pesquisa Estudos sobre Infâncias, mestre em Educação e especialista em Educação Infantil pela mesma universidade, é professora da rede municipal de Porto Alegre e do curso de especialização em Educação Infantil da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos).

sariane.pecoits@gmail.com

Recebido em 28 de março de 2017

Aprovado em 11 de outubro de 2017